Documentação

VIDA DE ARTISTA Guaranis do Litoral Norte já gravaram CD, atuaram em filmes e se apresentam em shopping

Índios sobem ao palco para sobreviver

ALEXANDRA PENHALVER ELIANE MENDONÇA free-lance para a Folha Vale

Reduzidos a 370 moradores nas aldeias Boa Vista e Rio Silveira, os índios guaranis do Litoral Norte de São Paulo apostam na indústria cultural como alternativa de sobrevivência econômica.

Cinema, TV e gravações de CDs integram a rotina desses índios, que exploram o filão das comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

Ao lado do cultivo tradicional de palmito e da mandioca, além da pesca, os guaranis já participaram do filme "Hans Staden" e da minissérie "A Muralha", da TV Globo, e estão chegando ao segundo CD -com o primeiro percorreram o Brasil e vão à Europa em junho.

Os índios da aldeia do rio Silveira, de São Sebastião, que tem aproximadamente 250 moradores, participaram em dezembro de um projeto desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura e pela TV Cultura.

As 5.000 cópias do CD "Memória Viva Guarani" foram todas vendidas a R\$ 20. Um novo lote está para sair.

Nas últimas semanas, a agenda dos guaranis está lotada. São apresentações em shopping centers e escolas, onde eles mostram suas danças, explicam como constroem suas aldeias e produzem artesanato.

Já era comum vê-los vendendo o artesanato às margens da rodovia Rio-Santos entre Ubatuba e Parati (RI).

Os guaranis cobram, em média, cerca de R\$ 1.000 por apresentação. Somente a aldeia Boa Vista agendou 30 apresentações a partir de maio, principalmente em escolas. Além disso, um grupo de 120 crianças faz apresentações das canções gravadas por representantes de quatro aldeias no CD da cultura guarani. O dinheiro arrecadado pelas crianças vai para uma caderneta de poupança.

O cacique Altino dos Santos, 54, que mora em uma casa com TV, que é comunitária, e sistema de energia solar, não vê a integração como um indício da aculturação dos costumes da tribo da Boa Vista. "Mostrar nossa cultura é um jeito de provar que não estamos 'civilizados' e fortalece a tradição do índio", disse.

A aldeia, com 25 casas construídas de madeira e pau-a-pique, lembra mais as pequenas comunidades isoladas do interior do país. A extinção da palmeira guaricanga, que servia de cobertura natural para as tabas, fez proliferar o uso de telhas de amianto e de barro na aldeia.

As rocas são individuais, mas a cozinha, que incorporou arroz e feijão e mantém a caça e a pesca, é coletiva.

Os habitantes mantêm a religião tradicional e dormem em redes. As casas são de terra batida.

Todo o dinheiro da Boa Vista vai para a conta da Associação Tembiguai, que reúne o conselho da tribo. A intenção é usar a verba para melhorias no açude e na infra-estrutura da aldeia.

O pajé Marcelino da Silva, da Boa Vista, acha que as crianças devem mesmo cobrar pelas apresentações. "É uma troca pelo trabalho que elas fazem. As crianças devem ter ajuda, e o cacique tem coragem de deixá-las fazer esse trabalho, que beneficia a aldeia", disse o pajé, uma espécie de curandeiro e conselheiro espiritual da tribo.

Ao falar com os "curumins", o pajé os aconselha a evitar grandes períodos fora da aldeia.

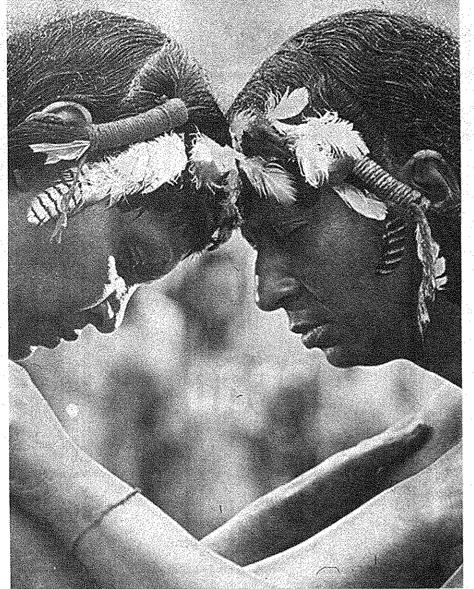
Segundo o agente da Funai Marcos Siqueira de Almeida, a experiência de intercâmbio e divulgação cultural é importante, mas preocupa a entidade.

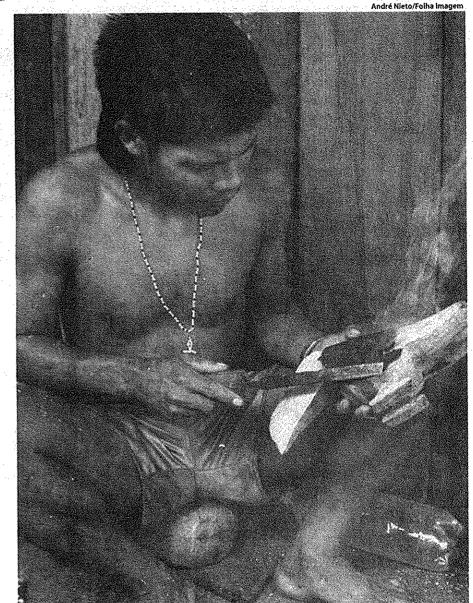
"Os índios têm saído muito da aldeia e isso pode prejudicar a vida das crianças no futuro", disse Almeida.

Para a antropóloga Maria Inês Ladeira, do Centro de Trabalho Indigenista, a nova atividade divide as opiniões das aldeias.

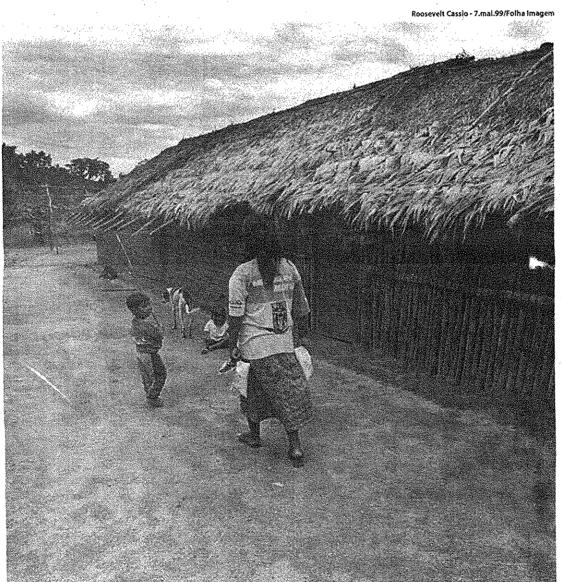
Segundo Maria Inês, os índios criaram um produto cultural que se transformou em alternativa

"Foi a saída que os guaranis encontraram frente às dificuldades com a escassez de terra", disse a antropóloga.





Cena do filme "Hans Staden", que contou com a participação de índios Guaranis; à direita, índio da aldeia Promirim, em São Sebastião, trabalha em uma escultura



Criança guarani e a mãe caminham em frente a uma das casas de aldeia de São Sebastião

Pajé aconselha Guaranis terão casas novas os mais jovens

free-lance para a Folha Vale

Dois dos cinco filhos do índio Ioão Batista, da aldeia Boa Vista, cantam no grupo do CD "Memória Viva Guarani", que já vendeu 5.000 cópias.

Nilton, 11, e Nelda, 9, participam do ensaio na casa de reza, local sagrado da aldeia. As canções falam de Deus e da natureza presente no dia-a-dia dos índios.

Para Batista, é positivo que as crianças participem dos eventos fora da tribo.

"Não fico preocupado com a viagem, pois tem sempre um adulto que cuida deles", disse.

Além da caça e cultivo da roça, João faz esculturas em madeira

para vender na cidade. Para ele, ainda é cedo para que as crianças façam artesanato. "Eles devem estudar e aprender

as coisas da nossa cultura". Para evitar que as crianças sofram influências "negativas" da sociedade, o cacique e o pajé Marcelino da Silva conversam com elas sobre as viagens e o que vai

"Sempre ouvimos os mais antigos, que sabem mais, para não perdermos a nossa cultura", disse free-lance para a Folha Vale

Os índios da aldeia Rio Silveira, em São Sebastião, receberão a partir do segundo semestre casas que mais se assemelham às moradias populares do que às ocas. Terão banheiro e água encanada.

O local será o primeiro do país a ser beneficiado pelo projeto Aldeia Indígena, do governo estadual, que substituirá as casas de pau-a-pique.

Por meio de um decreto estadual de junho de 1998, o governo destinou R\$ 2 milhões para as comunidades indígenas de todo o Estado de São Paulo.

Do total, R\$ 600 mil foram liberados para a construção de moradias para a aldeia em São Sebastião, onde vivem 250 índios.

O projeto das casas, elaborado por técnicos da Prefeitura de São Sebastião, já está concluído.

O contrato com a CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) também já foi assinado. Segundo a Secretaria da Habitação, as obras começam em julho deste ano.

O técnico da Funai (Fundação Nacional do Índio) Márcio José Alvim disse que não há previsão de quando a obra vai ficar pronta.

"Esperamos que no próximo ano os índios já estejam instala-

dos nas novas moradias." Serão construídas 50 casas. Os tamanhos são variados. Famílias com até quatro pessoas ocuparão uma moradia de 50 m². Se for mais numerosa, ocupará uma casa um pouco maior, de 60 m2.

Segundo Alvim, o projeto recebeu adaptações para que as casas estivessem de acordo com o modelo tradicional da cultura guarani, que era nômade.

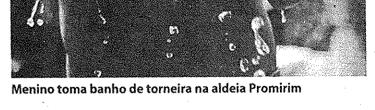
"A cultura deles (dos índios) foi respeitada em todas as etapas da elaboração do projeto." As casas serão fabricadas com

madeira tratada, barro e cobertas com palha impermeabilizada. A obra prevê a implantação de saneamento básico.

A mão-de-obra para a construção das moradias será cedida pela pela Prefeitura de São Sebastião. A aldeia ocupa área de 948 hectares. Cerca de 60% da área está no Parque Estadual da Serra do Mar.

Alvim explica que, apesar de o banheiro não fazer parte da cultura indígena -- com vaso sanitário, chuveiro e lavabo-, é indispensável para a melhoria nas condicões de higiene dos índios.

"As crianças ficam doentes devido à falta de higiene", disse. A aldeia tem 160 pessoas até 15 anos, que representam cerca de 65% da população.



Terra é problema, diz técnica

free-lance para a Folha Vale

Para a antropóloga do Centro de Trabalho Indigenista, Maria Inês Ladeira, os índios guaranis do litoral norte de São Paulo têm uma situação privilegiada em comparação aos guaranis de outras localidades do Estado.

"Eles estão inseridos em uma área preservada de Mata Atlântica e ainda não se depararam com o total esgotamento dos recursos naturais", disse.

Mesmo assim, segundo ela, a situação dos índios nas aldeias do litoral norte é precária. "A questão da terra é um problema muito sério", afirma.

"Os índios hoje ocupam territórios muito pequenos, o que os obriga a procurar alternativas econômicas além do extrativismo", diz a antropóloga.

Mudança de atividade

Os índios vivem basicamente de plantações de subsistência, extração de palmito em áreas nativas e reflorestadas e pesca artesanal em rios e no mar.

Quanto à mudança de atividade econômica dos índios guaranis -que está deixando de ser baseada na caça e no extrativismo para ser voltada à comercialização de sua cultura, Inês Ladeira não vê descaracterização.

"Eles apenas estão cedendo às pressões externas. Não estão deixando de lado as atividades econômicas tradicionais das tribos guaranis", disse ela.

Para o técnico indigenista da Funai (Fundação Nacional do Indio) Márcio José Alvim, o intercâmbio cultural entre índios e brancos é saudável, desde que as influências sejam "positivas".

"Se essa troca contribuir para o aumento do respeito e a diminuição do preconceito contra os índios, já atingiu um objetivo louvável", afirmou Alvim.

Além disso, segundo o técnico da Funai, a renda obtida com as apresentações, que seria totalmente revertida para as aldeias, é um auxílio.

Benefícios

de Ubatuba.

De acordo com o agente da Funai de Ubatuba, Marcos Siqueira de Almeida, o trabalho cultural pode trazer muitos benefícios para as aldeias.

Almeida cita, como exemplo, recursos para a viabilização de

projetos das aldeias. "Mas fico um pouco preocupado com a influência disso sobre as crianças e de até quando isso vai durar", afirmou o agente da Funai